

A construção das representações linguísticas na Acádia

Annette Boudreau

Tradução de Ana Lúcia Silva Paranhos

Resumo: O texto trata da construção das representações linguísticas na Acádia, partindo da análise dos artigos publicados em dois jornais importantes, a saber: *L'Évangéline* (1887-1982) e *Le Moniteur Acadien* (1883-1926). A ênfase é dada a três períodos da história acadiana; o primeiro, estendendo-se de 1880 a 1910; o segundo, entre 1950 e 1967, e o terceiro, entre 1970 e 1973, períodos escolhidos por serem capazes de ilustrar os momentos mais representativos da construção do espaço social acadiano. A autora descreve inicialmente as principais ideologias linguísticas encontradas nos editoriais e nas opiniões do leitor (cartas do leitor), detendo-se em seguida no período contemporâneo, e mostra como se diversificaram os discursos sobre as práticas linguísticas. Discute as diferentes estratégias adotadas pelos artistas. Estes participam da construção de novas maneiras de apreender as práticas linguísticas que consideram plurais e polivalentes.

Palavras-chave: representações linguísticas; jornais acadianos; história acadiana; ideologias e práticas linguísticas.

Abstract: This paper examines the construction of language ideologies in Acadia through an analysis of articles published in *L'Évangéline* (1887-1892) and *Le Moniteur Acadien* (1883-1926), two important newspapers of their time. It will focus on three key periods of Acadian history – 1880-1910, 1950-1967 and 1970-1973 – chosen because each one saw an intense period of growth of Acadian social space. The author first describes the main language ideologies that can be seen through editorials and letters to the editor in those years, and then looks at how the discourse on language practices has changed in recent years. More specifically, she looks at the various linguistic strategies used by Acadian artists, and illustrates how these artists are defining new ways of seeing language practices, which they see as being diverse and adaptable.

Key words: linguistic representations; Acadian newspapers; Acadian history; ideology and linguistic practices.

Résumé: Le texte traite de la construction des représentations linguistiques en Acadie en partant de l'analyse des articles de presse publiés dans deux journaux importants soit *L'Évangéline* (1887-1982) et *Le Moniteur Acadien* (1883-1926). L'accent est placé sur trois périodes clés de l'histoire acadienne, la première s'étalant de 1880 à 1910, la deuxième se situant entre 1950 et 1967, et la troisième entre 1970 et 1973, périodes

choisies en fonction de leur importance à illustrer les moments forts de la construction de l'espace social acadien. L'auteur décrit d'abord les principales idéologies linguistiques trouvées dans les éditoriaux et les opinions du lecteur, puis elle s'attarde à la période contemporaine et montre comment les discours sur les pratiques linguistiques se sont diversifiés. Elle discute des différentes stratégies mises de l'avant par les artistes. Ils participent à la construction de nouvelles façons d'appréhender les pratiques linguistiques qu'ils voient plurielles et polyvalentes.

Mots-clés: représentations linguistiques; journaux acadiens; histoire acadienne; idéologies et pratiques linguistiques.

*Une langue n'est jamais trop riche. Mais notre langue est assez riche de son propre fonds sans que nous soyons obligés d'aller si souvent faire des emprunts à l'étranger. Quelle nécessité y a-t-il de dire « club » au lieu de cercle, la « season » pour la saison, le « hall » qui vient de notre halle, à nous et « lunch » et « luncher » pour collation ou goûter ? (« Parlons français », *L'Évangéline*, 29 mai 1890).¹*

*Si vous êtes de descendants acadiens, le sang français coule encore dans vos veines, conservez le français ainsi que votre langue. N'ayez pas peur d'une langue que des génies n'ont pas eu honte de parler avant vous. (« La langue française sur l'Île du Prince-Édouard », *Le Moniteur Acadien*, 20 nov. 1884).*

Introdução

Na Acádia, os locutores do francês vivem num contexto de diversidade linguística: duas línguas, o francês e o inglês, ambas oficiais, e também muitas variantes do francês. Essas línguas e essas variantes não têm o mesmo valor, nem a mesma situação no plano social. As lutas de poder entre os diferentes grupos linguísticos, para o acesso aos recursos materiais, simbólicos e intelectuais, são particularmente difíceis para os

¹ A autora do artigo conservou os trechos retirados dos jornais como se apresentam. Nossa tradução: “As línguas nunca são exageradamente ricas. Nossa língua, porém, já é suficientemente rica em sua própria base para que sejamos obrigados a ir buscar, com frequência, empréstimos em uma outra. Qual a necessidade de dizer ‘club’ ao invés de círculo ou assembleia; ‘season’ em lugar de estação do ano; o ‘hall’, que vem do tão nosso ‘halle’ e corresponde a vestibulo ou saguão, ‘lunch’ ou ‘luncher’ para refeição leve ou merenda?”. “Se sois descendentes acadianos, o sangue francês ainda corre em vossas veias, conservai o francês, assim como vossa língua. Não tenhais medo de uma língua que verdadeiros gênios, antes de vós, não tiveram vergonha de falar”.

francófonos. Por outro lado, mesmo que o francês seja uma língua dominada na Acádia, pelo menos no plano demolinguístico, constitui-se na própria base sobre a qual a sociedade acadiana foi construída, desde o início da colonização, no séc. XVII, e ainda mais a partir do fim do séc. XIX², quando a língua francesa e a fé católica constituíam os pilares da “nação” acadiana. Conservando a fé, conservaremos igualmente a língua francesa, na qual aprendemos a rezar (Convenção Nacional de 1881). Hoje, o francês, sem a religião, continua o meio através do qual a sociedade acadiana tenta legitimar-se e obter reconhecimento no plano político. Além disso, para os locutores francófonos que habitam as províncias marítimas do Canadá, o francês constitui-se no referencial central da identidade acadiana.

Este texto pretende mostrar como a minoria acadiana em situação de contato de línguas construiu e continua a construir sua relação com a(s) língua(s) ao longo dos séculos; examinarei como as representações linguísticas foram construídas junto aos locutores francófonos do Novo Brunswick, a partir do fim do séc. XIX até o período contemporâneo, insistindo nos períodos-chave da história da Acádia, o que implica considerar as ideologias linguísticas dominantes que exercem marcante influência sobre o modo através do qual determinado grupo linguístico vem estruturar sua realidade social. De início, faz-se necessária uma breve descrição das ideologias e das representações linguísticas.

1 – Definições

1.1 – As ideologias linguísticas

As ideologias linguísticas definem-se como convicções profundas completamente interiorizadas na consciência individual, de tal forma que os locutores tomam-nas por algo adquirido, sem procurar questionar seus fundamentos. De certa

² Esse período, chamado de “Renascença Acadiana”, coincide com as primeiras convenções nacionais acadianas (1881, 1884 e 1890).

maneira, elas constituem a matriz no interior da qual se inscreve um conjunto de representações. Elas são, por definição, abrangentes e estão ligadas, de um modo ou de outro, à dimensão institucional da língua. Existe, por exemplo, a ideologia do modelo em que este é construído como única variante legítima (Milroy e Milroy, 1987); a ideologia do dialeto (Watts, 1999), que consiste em dotar a variante regional de valores superiores aos das outras variantes; a ideologia do monolinguismo, que impõe uma única língua a um grupo dado (Blommaert e Vershueren, 1998). Nos diferentes espaços da francofonia, as ideologias assumem diversas formas, segundo os contextos e as histórias que as geraram. Pode-se, contudo, afirmar que a ideologia do unilinguismo francês, fortemente ligada à ideologia do modelo, conferindo ao francês o status de língua única – a mesma para todos, menosprezando toda e qualquer diversidade – foi, por muito tempo, a ideologia dominante (De Robillard, 2000; Klinkenberg, 2001; Crépon, 1996; Joseph, 1987), com repercussões inegáveis nos comportamentos linguísticos dos francófonos, sobretudo nos meios periféricos relacionados à França, como a Suíça (Singy, 1996), a Bélgica (Francard, 1994; Klinkenberg, 2001), o Quebec (Bouchard C., 1998) e a Acádia (Boudreau, 2001; Boudreau e Dubois, 2001; Boudreau e Dubois, 2007).

1.2 – As representações linguísticas

Se as ideologias remetem ao “abrangente” e à natureza institucional da língua, as representações remetem, com frequência, a uma dimensão mais restrita da língua, seja ao locutor (dimensão individual), seja ao grupo ou ainda a uma comunidade (dimensão coletiva), todos inscritos num conjunto de relações sociais. As representações caracterizam-se por um aspecto essencialmente dinâmico e interativo, o que explica o fato de elas serem flutuantes junto a um mesmo locutor, conforme a situação de comunicação na qual ele se encontra. Mais amplamente, podem-se definir as representações linguísticas como sendo as imagens, as opiniões, os preconceitos

que circulam sobre as línguas, sendo inegavelmente compartilhadas por um conjunto de locutores numa dada comunidade. Se essas representações variam conforme os indivíduos e constroem-se, em parte, nas inter-relações, elas são igualmente marcadas pelo meio no qual aparecem, e atravessadas pelas histórias dos indivíduos e de suas coletividades, o que lhes confere certo grau de estabilidade – por exemplo, a relação dos nova-iorquinos com sua língua (Labov, 1976); a relação dos quebequenses, dos franco-ontarianos e dos acadianos com sua língua (Lepick e Bourhis, 1966).

Se permanece difícil traçar uma fronteira nítida entre ideologias e representações, sabe-se que as representações linguísticas são tributárias das ideologias linguísticas mais propagadas em dada sociedade (Auroux, 1992, 2000; Blommaert, 1999; Cameron, 1995; Heller, 2002; Kroskrity, 1999) e que todo grupo social é regido por ideologias³.

1.3 – A insegurança linguística

Os linguistas francófonos⁴, interessados no estudo das representações, analisaram-nas frequentemente como associadas aos conceitos de segurança/insegurança linguística (Labov, 1976; Bourdieu, 1982, 1983; Gueunier et al., 1983; Francard, 1993-1994; Boudreau e Dubois, 1992, 1993 e 2001; Boudreau e Perrot, 1994). A insegurança linguística traduz-se por um sentimento de ilegitimidade com relação a uma língua e revela-se de formas diversas segundo a trajetória individual e social de seu locutor. No meio minoritário canadense, esse conceito revelou-se particularmente fecundo para explicar comportamentos linguísticos frequentemente difíceis de serem interpretados: hiperconsciência da norma (Boudreau, 1998, 2005), hipercorreção, grande sensibilidade aos traços regionais, os quais se procura ocultar ou exibir (Boudreau e White, 2004),

³ Ideologia, aqui, não tem conotação negativa. Exprime, simplesmente, a história das ideias mais comumente propagadas sobre o tema das línguas existentes.

⁴ É interessante notar que os linguistas francófonos estudam mais as representações linguísticas do que seus colegas de outras línguas (Lodge, 1997; Culioli, 1995), tendo em vista a importância dada à qualidade da língua.

comportamentos que podem parecer contraditórios mas que resultam da mesma problemática.

2 – Contexto sociolinguístico

Os primeiros colonos franceses chegaram à Acádia em 1604; as primeiras famílias lá se instalaram em 1630. Essa população falava diferentes variantes do francês. Conforme Claude Poirier, os colonos originavam-se do noroeste, do centro e, sobretudo, do oeste da França (regiões de Aunis, Poitou e Saintonge) (Poirier, 2003: 108). Na França, a língua francesa havia sido recentemente codificada; o Édito de Villers-Cotterêts⁵ fora proclamado em 1539 e a Academia Francesa, fundada em 1634. Os primeiros colonos chegaram à Acádia com traços morfológicos e lexicais próprios de suas regiões respectivas, alguns hoje ainda em uso (Poirier, 1994; Cohen, 1987; Walter, 1988).

Poirier considera a Acádia um dos três principais focos do francês na América do Norte, juntamente com o francês do Canadá (do Quebec) e da Louisiana (Poirier, 1994: 237):

Essa língua não pode, de forma alguma, ser considerada a continuação direta de um dialeto da França; o acadiano apresenta, ao contrário, um conjunto de traços herdados da grande região do sudoeste do reino do *oïl*⁶ (sobretudo das regiões de Poitou e Saintonge). Suas características fonéticas e morfológicas estão ligadas, em grande parte, ao francês de outrora. O acadiano é, assim, uma variante do francês diversa das que se encontram hoje em dia na França, e original em vários pontos, se comparada ao quebequense, com o qual é comumente relacionada (Poirier, 1994: 262).

Os acadianos mantiveram vários traços linguísticos⁷

⁵ Édito proclamado pelo rei François I. O francês torna-se obrigatório nos textos escritos da administração francesa. Ele substitui, nessa época, o latim e as línguas regionais.

⁶ N. da T.: Nome que, na Idade Média, se dava à língua que falavam os povos habitantes do norte do rio Loire; *Pays de la langue d'oïl*, a Picardia, a Normandia, a Baixa Bretanha, etc.

⁷ O *francês acadiano* remete, de modo geral, às variantes do francês falado nas três províncias marítimas, ou seja, no Novo Brunswick, na Ilha do Príncipe Eduardo e na Nova Escócia. Esse francês, que mantém suas origens da França do século XVII, é habitualmente descrito como uma língua muito conservadora que guardou, em

herdados da colonização em razão da história singular da Acádia – o isolamento da população após o Grand Dérangement ou a deportação –, da pressão dos pares e, sobretudo, em razão do limitado acesso ao ensino público do francês, até os anos 1950. Consequentemente, houve pouco contato com normas de referência ou com variantes do francês mais regulamentadas. A consciência do uso desses arcaísmos participa fortemente da construção de representações linguísticas particulares, na Acádia. Se esse uso data do início da colonização, a mescla de línguas é, também, historicamente amparada na herança acadiana, conforme atestam os artigos jornalísticos, contrariamente à ideia preconcebida de que essa mescla data exclusivamente da urbanização dos anos 1930 e 1940.

A partir da segunda metade do século XX, os acadianos e acadianas desenvolveram a consciência de suas diferenças linguísticas, consciência cujas manifestações variam de acordo com os indivíduos, as regiões e as situações de comunicação. As representações ligadas a essa consciência são múltiplas e variam de uma insegurança linguística clara e manifesta a uma atitude de contralegitimidade linguística, que consiste em colocar em cena os traços mais estigmatizados de sua língua, enquanto outros locutores demonstram completa indiferença a tais questões. O espaço que me é oferecido não me permite propor uma análise exaustiva dos fenômenos em questão, mas posso resumir dizendo que, ao cabo das entrevistas realizadas ao longo dos dez últimos anos (mais de quatrocentas, com duração variando entre meia e uma hora e meia cada uma), a insegurança linguística aparece com regularidade constante e os locutores dizem manter relações ambivalentes com sua própria língua. Os arcaísmos e a mistura de línguas são considerados os traços mais distintivos dos acadianos e das acadianas e os locutores lhes conferem tanto valores positivos como negativos,

diferentes graus, traços ditos *arcaicos*. A título de exemplo, no plano fonético, encontramos o ouísmo (*houmme* em vez de *homme*), a palatização (*tchoeur* em lugar de *coeur*, ou *djeule* em lugar de *gueule*); no plano morfológico, o uso do sufixo *-ont* ou *-iont*, na 3ª pessoa, como em *ils chantont*, *ils chantiont*, para *ils chantent*, *ils chantaient*.

mas, em geral, os arcaísmos⁸ têm melhor reputação do que a mescla de línguas (o *chiac*⁹). Para melhor compreender as condições de produção sócio-históricas das representações que os locutores francófonos das Marítimas mantêm com sua própria língua, nos dias de hoje, faz-se necessário um retorno às origens. Salientamos que um vínculo dialético associa as representações aos discursos – os primeiros alimentam os segundos e estes reproduzem e reativam aqueles. Parece, portanto, essencial estudar quais os discursos que circulam em uma dada comunidade, quais as ideologias subjacentes a esses discursos e, principalmente, quais as consequências dos discursos mencionados nas práticas linguísticas dos locutores.

3 – Discurso jornalístico (mídia impressa)

No âmbito do presente texto, examinarei discursos linguísticos veiculados na imprensa periódica desde mais de um século¹⁰. Como eles se encontram nos órgãos de imprensa mais importantes da Acádia, são objeto de grande difusão e tornam-se importante fonte das mais propagadas representações. Servir-me-ei de artigos jornalísticos publicados no *Le Moniteur Acadien*¹¹ (1883-1926) e no *L'Évangéline* (1887-1982). Os dois jornais, sobretudo o último, desempenharam importante papel na conservação e no desenvolvimento da língua e da identidade francófona da Acádia. Na verdade, contrariamente ao Quebec, por exemplo, onde vários jornais entram em disputa pelo

⁸ Os arcaísmos sempre foram mais amplamente aceitos do que as misturas; os primeiros estando associados ao patrimônio, à pureza da língua e à construção do nacionalismo linguístico (ver Anderson 1996; Hobsbawn; Ranger, 2003).

⁹ O *chiac*: variante do francês acadiano que se caracteriza pela integração e pela transformação, numa matriz francesa, de formas lexicais, sintáticas, morfológicas e fônicas do inglês. Por exemplo, na região de Moncton, poder-se-á ouvir frases como: *je viendrai back* (eu voltarei); *c'est right bon* (é muito bom); *je te phonerai à soir* (te telefonarei à noite); *embarque dans le char* (entre no carro); *j'irai te driver chez vous* (vou te levar em casa de automóvel) O *chiac* constitui-se na língua sócio-materna de uma maioria de falantes francófonos do sudeste da província do Novo Brunswick. Para uma descrição detalhada do *chiac*, ver os textos de Perrot.

¹⁰ A pesquisa, realizada em conjunto com Marie-Ève Perrot, da Universidade de Orléans, na França, é financiada pelo CRSH (2007-2010).

¹¹ Dezenove artigos, nesse jornal.

mesmo mercado e onde praticamente cada cidade possui seu próprio jornal, constata-se que, na Acádia, *L'Évangéline*, fundado em 1887, foi o único jornal francófono da província do Novo Brunswick, de 1949 a 1982 (Beaulieu, 1993: 528); isso equivale a dizer que as ideias expressas nos editoriais e os espaços reservados à coluna do leitor¹² não deixavam de influenciar os leitores. Segundo o historiador Gérard Beaulieu,

L'Évangéline ocupou, na Acádia, um lugar talvez ainda mais importante do que o do *Devoir*, na sociedade quebequense. Durante noventa e cinco anos, esse jornal [*L'Évangéline*] foi considerado uma verdadeira instituição nacional (Beaulieu, 1997: 12).

Deter-me-ei nos artigos que tratam dos arcaísmos¹³ e, sobretudo, da mistura de línguas, porque ambos são aspectos da língua comumente tidos como elementos característicos da língua acadiana, nas representações dos locutores contemporâneos referidos em diversos *corpus* estudados¹⁴. Os traços destacados diferenciam os locutores acadianos dos do Quebec, pelo menos conforme a visão que os locutores de nossos *corpus* têm das duas variantes.

Para proceder à análise das representações linguísticas na imprensa acadiana, 326 artigos (crônicas sobre a língua, mas sobretudo editoriais e colunas do leitor), publicados entre 1883 e 1973, foram selecionados; deles, 130 publicados entre 1970 e 1973, reflexo de uma nova realidade artística e cultural na Acádia. Limitei-me a três períodos-chave que marcaram o discurso sobre a língua na Acádia: o primeiro deles cobrindo 30 anos, de 1880 a 1910; o segundo situando-se entre 1950 e 1967 e o terceiro, entre 1970 e 1973. Os três períodos foram escolhidos por corresponderem a momentos importantes na evolução da sociedade acadiana. O primeiro está associado ao que é

¹² As colunas do leitor só apareceram nos anos 1960.

¹³ Consideramos o arcaísmo comparando-o, aqui, ao francês de referência; poder-se-ia igualmente falar em traços regionais, tratando-os pelo ângulo da variante canadense. Mas fazemos uso do termo “arcaísmos” porque é o mais correntemente empregado e porque são esses ditos arcaísmos que alimentam as representações linguísticas dos locutores.

¹⁴ *Corpus* Perrot, *Corpus* Boudreau, *Corpus* Boudreau-Dubois, *Corpus* CRÉFO.

conhecido por Renascença Acadiana: corresponde às primeiras tentativas dos acadianos de se construírem como uma nação francófona distinta daquela do Quebec, com os artigos sobre a língua participando da construção. Enfatizam-se os elementos diferenciadores entre o Quebec e a Acádia de modo a legitimar o desejo de autonomia dos acadianos e acadianas. O segundo período está ligado à criação e consolidação de instituições francófonas na Acádia e, portanto, à situação do francês, o que contribuiu para acelerar a representação do francês como língua legítima numa província onde mais de um terço dos habitantes fala francês. As questões relativas à língua deram lugar a discussões mais amplas, acerca da situação social dos francófonos e das repercussões da consciência dessa situação nas práticas de fala cotidianas: reivindicação para serviços nas duas línguas em determinadas instituições públicas; questionamento sobre placas e cartazes; questões envolvendo as escolas públicas francófonas, pouco desenvolvidas na época. Finalmente, os artigos do último período, de 1970 a 1973, coincidem com a época da autonomia dos saberes na Acádia, o que suscita um questionamento e uma ruptura no que diz respeito às práticas tradicionais, tanto sociais quanto linguísticas.

Na última parte, ampliarei a perspectiva levando em conta produções culturais acadianas indicativas da mudança que acontece nas representações linguísticas atuais.

3.1 – Primeiro período: reabilitação do francês acadiano, de 1880 a 1910 (52 artigos)

Le Moniteur Acadien é publicado pela primeira vez em 1883. O primeiro texto que trata da língua é dedicado ao ensino do francês (dia 9 de agosto do mesmo ano) e o termo *mistura* já se encontra presente. Assinando-se como *Um amigo da educação*, o autor escreve:

Quanto à pronúncia do francês, eu diria, sem nenhum exagero, que ela não existe, pois não é nem francesa nem inglesa, mas que, ao contrário, assemelha-se a uma *mistura estranha* do francês e do inglês.¹⁵

¹⁵ Grifos em negrito acrescentados, salvo indicação em contrário.

Além disso, o primeiro texto a interessar-se pela questão dos arcaísmos, intitulado “A língua acadiana”, é publicado um ano mais tarde, a 13 de março de 1884, e marca o início de uma série de textos de autoria de Pascal Poirier. Com os títulos de “Conversação memramcookiana”¹⁶ e “Eco memramcookiano”, são publicados em dezembro de 1885 e em janeiro e fevereiro de 1886. Foram objeto de uma edição crítica por Pierre Gérin, em 1990. Eis as primeiras linhas do texto de 1884:

Um grande número de **franceses** imagina que os canadenses falam **um jargão formado por um pouco do francês arcaico e muito do Iroquois**¹⁷ e **do Algonquin**¹⁸. Os **canadenses**, por sua vez, **afirmavam**, até há pouco tempo, e muitos ainda o crêem, **que a língua dos acadianos é um dialeto mais ou menos ininteligível**.

Uns e outros estão errados. Existem poucos estados na França onde o camponês fale um francês **tão puro** quanto o do Baixo Canadá, e não existe dialeto em lugar algum da Acádia.

O idioma falado pelos acadianos é um dos ramos mais bem conservados da **língua d’oil**¹⁹. É a língua idêntica à que se falava no **século dezesseis** e que se fala ainda hoje nas regiões de Île de France, Maine, Touraine, Orléanais, Champagne. De tal modo que, se nossas **origens** se perdessem, poderíamos sempre, através do nosso falar, ir buscá-las em sua fonte, no Canadá, e até mesmo na França.²⁰

Certos temas que serão recorrentes ao longo do século XX já estão presentes na passagem transcrita: 1) primeiro, a relação ao *outro* francófono: “um grande número de franceses imagina”,

¹⁶ N. da T.: Originária da região de Memramcook (Vale de Memramcook).

¹⁷ N. da T.: Nome dado à língua e à confederação de cinco nações indígenas norte-americanas, fundada no séc. XVI, vivendo ao sul do Lago Ontário.

¹⁸ N. da T.: Os *Algonquins* são um povo autóctone da América do Norte; falam o *algonquin*. Cultural e linguisticamente, aproximam-se dos *Outaouais*, com os quais formam o grupo dos *Anishinaabe*, que significa literalmente “os verdadeiros homens desta terra”.

¹⁹ N. da T.: Língua das regiões onde se dizia “oil”, significando “sim”, e “oc”, significando “não”.

²⁰ Esse texto é publicado em *Causerie memramcookienne*, edição crítica de Pierre Gérin, publicada em 1990, na disciplina de Estudos Acadianos. Em nota de rodapé, remete às *Nouvelles Soirées Canadiennes*, v. 5, maio 1886: 69-70.

“os canadenses²¹ afirmavam que a língua dos acadianos é um dialeto mais ou menos ininteligível”; 2) em seguida, a representação que os outros fazem da língua acadiana como a de uma mistura na qual figuram os arcaísmos: jargão formado de palavras arcaicas e de termos ameríndios; 3) enfim, a ideia do francês puro ligada ao imaginário de um francês original datando do século XVI, ideia que contém, no fundo, a argumentação necessária à reabilitação do francês acadiano. Com efeito, ao longo de suas crônicas, Pascal Poirier esforça-se para mostrar que o francês acadiano é “uma relíquia de grande valor, um antigo cesto cheio de ferramentas, de utensílios, de armaduras e de jóias, de moedas de outrora” (fev. 1915, citado em Gérin, 1990: 122). Ele chega a descrever o falar acadiano como um “campo cheio de espigas de ouro, onde só se precisa curvar-se e colher ao acaso para se conseguir braçadas de feixes luminosos” (“A língua que falamos”, 1915, citado em Gérin, 1990). Esse discurso de reabilitação do francês acadiano será constante na imprensa e se construirá paralelamente ao que consiste em glorificar o francês como a língua universal, a língua mais prestigiosa da humanidade, como se pode constatar no primeiro editorial de *L'Évangéline*, publicado em 25 abr. 1888:

Somente um pássaro negro dirá o contrário: a língua que falam os canadenses, os acadianos, todos os descendentes da velha França é a **mais bela** que poderíamos estudar, depois da imortal e sublime língua da Igreja.

A língua francesa é (...) uma língua filosófica, suave e harmoniosa, mas é a **língua clássica por excelência**, a língua mais privilegiada até mesmo pela Inglaterra.

(...) E assim se vê franceses que simulam falar inglês até mesmo quando falam a língua de seus pais. É triste, mas é verdade: existem franceses que cometem o erro de serem mais ingleses que os próprios ingleses.

Sois os senhores acadianos, **sois uma brava nação, nobre e generosa, um dos mais interessantes povos da América do Norte**; nada tendes a invejar de vossos vizinhos; e se vosso sol

²¹ Os canadenses, aqui, correspondem aos franceses do Canadá.

se obscurecer a um dado momento, ele logo começará a resplandecer com um novo brilho. Agora, mais do que nunca, é chegado o tempo: mostrai-vos às outras nações com as vossas verdadeiras cores.

A ideologia querendo que a língua francesa seja “a mais bela, a língua clássica por excelência”, une-se àquela da língua francesa construída como “a língua universal, como a língua humana”, para retomar os termos de Antoine de Rivarol, ideologia que cria uma hierarquia entre as línguas e seus locutores, e cujas consequências vão muito além da simples questão linguística. A hierarquia aqui é retomada ao fazer referência à Acádia: “sois uma brava nação (...) um dos mais interessantes povos da América do Norte”. A ameaça do inglês aí também está presente, tema que será constante nas crônicas sobre a língua na Acádia, durante todo o século XX, as quais, em suma, assemelham-se àquelas que se pode encontrar nos jornais quebequenses da mesma época (Bouchard, 1998).

Em outubro de 1891, é publicado no *L'Évangéline* um texto intitulado “O vínculo com o dialeto da região de Saintonge”, assinado por L. Tesson, um francês residindo temporariamente na Acádia, que inicia seu texto dizendo ser a língua acadiana “excessivamente *doce*, sobretudo nos lábios das mulheres, contrastando singularmente com o sotaque um tanto rude e às vezes resmungão de certos canadenses que já ouvi falar”. Continua dizendo que, de modo geral, “fala-se francês melhor do que na França”, palavras que fazem eco às de Pascal Poirier, sete anos antes. Em seguida, acrescenta que “não se deveria crer, contudo, que se fala aqui um francês tão puro quanto na rua dos italianos”. Ele afirma:

Elas [as duas línguas] **misturam-se** às vezes de um modo estranho. Algumas palavras francesas foram perdidas, sendo substituídas por seus equivalentes em inglês. Outras exprimem uma ideia ou alguma coisa essencialmente inglesa, sendo vertidas para o francês, enfim, **enorme quantidade de verbos ingleses aparece em francês, com terminação francesa.**

No **francês arcaico** ou no **dialeto** que enriquece o falar acadiano, encontrei uma multidão de palavras que me são

familiares e que havia ouvido no dialeto da região de Saintonge. (...) Quando me disseram: *i s'avant é moyé de vous*, entendi que se haviam informado sobre mim. Quando me disseram: *Huchez²² donc*, gritei com toda a força de meus pulmões. As crianças *berram*, elas não choram, mas isso não melhora a situação. Aqui não chove, *molha*, às vezes, o que pode compensar. Não se usa vestimentas ou roupas, mas *trapos*. Os pescadores tornam-se *pêcheux²³*.

Aqui, a mescla é descrita com precisão: ela consiste na substituição dos termos franceses pelos termos ingleses, na desinência inglesa de determinados verbos franceses, o que corresponde à descrição atual do francês acadiano, em certas regiões (Péronnet, 1977), e do chiac (Perrot, 1995), no sudeste do Novo Brunswick. Se as observações de Tesson estão de acordo com o uso atual, elas novamente trazem à baila o discurso popular, o qual afirma que a mescla de línguas, na Acádia, dataria da metade do século XX, logo após o deslocamento dos acadianos para as cidades, e que os acadianos teriam, até hoje, falado um francês desprovido da influência do inglês.

Além disso, é interessante notar que os dois traços mais frequentemente assinalados nos comentários epilinguísticos dos locutores acadianos de nossos *corpus* atuais, como as características da língua acadiana, já se apresentavam, na sua imprensa do fim do século XIX, como traços definidores do francês acadiano.

Durante o primeiro período, de 1880 a 1910, constata-se que dois discursos, aparentemente contraditórios, mas na realidade convergentes, têm o mesmo objetivo: legitimar o francês acadiano. O primeiro discurso enfatiza a filiação à França e prega a unicidade do francês como língua universal, a mesma para todos, enquanto o segundo insiste na especificidade da língua acadiana, ligando-se, assim, à concepção de Leibniz e de Herder sobre o reconhecimento das identidades particulares vinculadas à língua (Crépon, 1996: 122-140), ao mesmo tempo em que associa o idioma acadiano à mãe-pátria. Segundo a

²² N. da T.: “Hucher”, no francês de referência, significa “chamar a caça, gritando ou assobiando”.

²³ N. da T.: No francês de referência, seria “pêcheurs”.

concepção da língua considerada e conforme foi discutido antes, as expressões típicas arcaicas são mais naturalmente aceitas, estando elas próprias ligadas ao mito da pureza original (o gênio elementar de cada povo) que se traduz, mais concretamente, pelo culto das tradições nas quais se inserem, com facilidade, os arcaísmos. No entanto, a diversidade linguística e a mescla de línguas não podem invocar a seu favor tal ideologia e são mais comumente associadas à impureza e à descontração. É assim que, a partir de 1896, é publicada no jornal *L'Évangéline* uma série de textos chamando atenção para o *perigo* que são os anglicismos. O primeiro texto da série, intitulado “Canadenses e acadianos: a língua francesa na Acádia” (16 jan. 1896), dá o tom dos textos que se seguirão²⁴.

O que mais deve nos preocupar é o fato de que, mesmo onde a língua francesa resiste na sua forma mais vitoriosa, ela deixou-se invadir pelos anglicismos. Se essa invasão não pudesse ser impedida, a língua perderia seus matizes, todas as qualidades que fazem sua graça e sua clareza. Não valeria a pena preservá-la.

Outro artigo reproduzido no *L'Évangéline*, de 8 abr. 1896, assinado por Mayrand, retoma o mesmo discurso:

Falemos e escrevamos tão corretamente quanto possível, evitando os **anglicismos** e as locuções inglesas; pois **anglicizar** nossa língua é **traí-la, escravizá-la**, desprovê-la de sua marca nacional.

O medo do “flagelo” se intensificará durante os primeiros anos do século XX e os leitores serão prevenidos da “invasão” dos anglicismos, os quais deverão ser “combatidos” e contra os mesmos se deverá “lutar”; anglicismos que, chamados um por um de “intrusos, inimigos, agressores”, estão às nossas portas; à língua *pura* opõe-se a língua *impura*, a mistura conhecida como “jargão, língua incompreensível, língua bárbara”. O discurso sobre os anglicismos aqui reproduzido muito se assemelha ao dos quebequenses sobre a mesma questão, à mesma época (Bouchard, 1998: 66-69).

²⁴ Esse texto sem autoria declarada dá indícios de que foi um francês que o escreveu, pois fala de visitas recíprocas de canadenses e de franceses.

3.2 – Segundo período: consolidação das instituições acadianas, de 1950 a 1967 (60 textos)

Para o segundo período, limitar-me-ei aos editoriais, únicos textos analisados até o momento. No plano social, o período em questão é marcado pela consolidação das instituições acadianas. No plano linguístico, a grande maioria dos responsáveis pelos editoriais concorda em dizer que os acadianos devem ser bilíngues, intensificando, ao mesmo tempo, seus discursos sobre a luta contra os anglicismos. Apresenta-se o bilinguismo como dois monolinguismos nos quais os traços de uma língua não devem estar presentes na outra. Deploram-se os empréstimos fáceis feitos à língua inglesa como “fun” e “game” (24 jun. 1952), lamenta-se que o “cérebro funciona à moda inglesa” (23 jul. 1952), declara-se que “nossa indiferença favorece os anglicismos” (7 fev. 1955), que “nossa província nunca antes teve o rosto tão sujo de inglês, que falamos uma língua pobre, quase moribunda” (7 jan. 1956), que “nossa língua macula-se de anglicismos” (28 jan. 1964), etc. O discurso sobre a qualidade da língua é contínuo, mas ocupa um espaço mínimo nos textos; na verdade, observa-se que a maioria dos editoriais trata muito mais da situação da língua. Nesse período, não são encontrados textos que glorifiquem a língua francesa, como ocorria na época precedente; também não se encontram textos sobre a reabilitação do francês acadiano; começa-se a ser reticente no que diz respeito às expressões arcaicas qualificadas de *pitorescas* por um autor de editorial: “estamos no século XX; falemos, então, o francês do nosso tempo” (27 jul. 1959), mesmo se a questão dos arcaísmos permanece, de modo geral, bastante relativizada (28 jan. 1961). Por volta do fim dos anos 1950, encontram-se textos que incitam os acadianos “a falar francês em público, a solicitar serviços em francês, a preocupar-se com a expressão francesa da Acádia e com os cartazes bilíngues” (“Notre visage français”, 11 jun. 1959), enquanto outros, seguindo idêntica inspiração, procuram convencer os leitores a “falar em francês na presença de ingleses, se

estiverem num grupo majoritariamente francês” (23 fev. 1961).

Em 1963, um editorial do *L'Évangéline* intitulado “Transcorridos 250 anos, pedimos”, reivindica que os cidadãos solicitem *status* de língua oficial para o francês. O acadiano Louis J. Robichaud vinha ocupando, desde 1960, o cargo de Primeiro-Ministro do Novo Brunswick. Ele disponibiliza estruturas que favorecem o reconhecimento do francês na província e proclama, em 1969, a *Lei sobre as línguas oficiais do Novo-Brunswick*, que confere igual *status* ao francês e ao inglês “para todos os fins que dizem respeito à competência da Legislatura do Novo Brunswick”. Essa lei estará na base de importantes mudanças que terão início a partir dessa época e que exercerão influência determinante nos comportamentos linguísticos dos francófonos do Novo Brunswick.

3.3 – Terceiro período: diversidade linguística e (re)apropriação do francês, de 1970 a 1973 (130 artigos)

Nesse período, estudarei as repercussões, no jornal *L'Évangéline*, de três eventos culturais que, de modo significativo, mudaram o rumo da relação com a língua na Acádia: dois documentários e uma peça de teatro. O primeiro documentário, *Elogio do chiac*, aparece em 1970 e trata da *mescla de línguas*; o segundo, *Acádia Acádia?!?*, surge em 1971 e trata do bilinguismo e, de modo indireto, da situação do francês no Novo Brunswick²⁵. No mesmo ano, *La Sagouine*²⁶, peça de Antonine Maillet, na qual proliferam os arcaísmos, é encenada pela primeira vez. Quatro editoriais são consagrados a tais eventos, dois dos quais dedicados a *Acádia Acádia?!?*, o que atesta sua importância.

Elogio do chiac dá voz a alunos de 12 a 14 anos de idade que frequentam uma escola francesa de nível médio de Moncton e discutem a situação linguística do local, o

²⁵ Os dois filmes foram realizados por Michel Brault e Pierre Perreault. Ver Boudreau e Leblanc, 2000, para uma reflexão acerca das repercussões linguísticas desse filme sobre a população.

²⁶ N. da T.: Pessoa, criança suja.

bilinguismo e variantes do francês da região. Alguns deles dizem exprimir-se em *chiac*²⁷, e o filme termina com os alunos gritando *Viva o chiac!* e *Viva o chiac livre!* Desde a estreia do documentário, o autor de um editorial consagrado ao filme começa perguntando-se por que “ressuscitar o *chiac*”, termo que teria desaparecido há muito tempo. É no mesmo editorial, datado de 4 de fevereiro de 1970, que encontramos o primeiro registro da palavra *shiac*²⁸, no jornal.²⁹

[Os responsáveis pelo editorial³⁰ descrevem inicialmente o filme que havia sido apresentado em pré-estreia à **televisão nacional**] – A reação do público acadiano: muitos telespectadores acadianos ficaram furiosos. Num certo sentido, tinham razão. O **ponto fraco** do filme (...) é **o de mostrar apenas um aspecto da realidade e de apresentá-la de forma tal que esta parece ser a única realidade possível [...]**. Primeiramente, acreditamos que **o próprio termo “Shiac” não está mais em uso, estando já há muito tempo esquecido. Por que ressuscitá-lo?**³¹ [...] É bem verdade que é possível encontrar uma classe de acadianos em Moncton e pessoas em outros determinados meios que **defloram** sua língua francesa com anglicismos **numerosos e horríveis**. Mas quem lhes atirá a primeira pedra? Quem irá enumerar os parentes acadianos de hoje que não puderam frequentar escolas francesas, que não puderam continuar seus estudos de francês porque não havia escolas francesas? Com algumas

²⁷ O que é interessante no filme é o fato de os alunos dizerem exprimir-se em *chiac* e de reivindicarem a existência dessa variante. Quando se examina a língua dos protagonistas do documentário, percebe-se que eles falam um francês coberto de arcaísmos, com muito pouco inglês, o que não corresponde à definição canônica do *chiac*, daí a dificuldade na definição das variantes (ver discussão sobre esse assunto mais adiante).

²⁸ Jacques Ferron empregou o termo “*chiac*” em 1966, num texto intitulado “Os *chiacs* de Moncton”, texto publicado novamente numa coletânea intitulada *A contenda da Acadia*, publicada em 1991.

²⁹ A pesquisa encontra-se em sua fase preliminar; encontrar-se-á, talvez, uma prova certificada mais antiga do termo, após a busca de todos os artigos dos jornais.

³⁰ Empregamos o plural intencionalmente; uma fonte oficial informou-nos que os editoriais anônimos escritos entre 1969 e 1971 eram realizados por uma equipe de quatro jornalistas.

³¹ Numa coluna do leitor de 24 de março de 1970, assinada por Narcisse Doiron, o autor afirma que a expressão *shiac* vem da paróquia de Shédiac, que os antigos chamavam de *gédiaic*, nome indígena; Doiron conta que as pessoas de Shédiac trabalhavam em Madawaska, fronteira com o Quebec, e que se as pessoas que os hospedavam perguntavam de onde vinham, respondiam “de Shédiac”. Os habitantes de Madawaska compreendiam haver escutado a palavra *chiac* e então diziam: são *chiacs*.

exceções, **as escolas secundárias no meio acadiano constituem um fenômeno bastante recente** e, em Moncton, um fenômeno de menos de dez anos. Em muitos centros, para os acadianos de Moncton, não havia escolha: deviam ou seguir seus estudos em inglês ou continuar ignorantes (...). Além disso, existe em Moncton uma classe inteira e numerosa de acadianos e de francófonos que se beneficiou com nossas escolas modernas, com nossos colégios e com nossa universidade e que fala um francês vantajosamente comparável ao dos quebequenses de mesmo nível cultural (Editorial: O *shiac*, 4 fev. 1970).

Constata-se aqui que os editoriais reproduzem os estereótipos vinculados à ideia de uma língua degenerada para descrever a mescla de línguas (língua *deflorada*, anglicismos numerosos e *horríveis*); temem as reações ao filme nas demais regiões do Canadá francês e insistem no fato de que ele “não mostra um retrato fiel do falar acadiano de Moncton”. Boa parte do editorial é consagrada à explicação da situação linguística da região cuja falta de educação secundária em francês é uma realidade até os anos 1960. A maior parte das reações na *coluna do leitor* é igualmente negativa: denuncia-se o francês mal falado qualificado como *gíria, dialeto, jargão, língua ou linguagem incompreensível* de professores e alunos das escolas francesas (15 fev. 1970), o francês “jualizante”³²: “nós todos falamos *joual* na Acádia, uns melhor do que outros” (16 fev. 1970). Em reação a esses textos, segue-se uma discussão sobre as desigualdades sociais associadas às práticas linguísticas (12 fev. 1970, “Senhoras e senhores, façam sua escolha: reação ou morte”; 13, 14 e 15 mar. 1970, “A escolha do *chiac*”); nos referidos escritos, insiste-se no fato de que essa língua constituiu-se muito bem na língua sócio-materna de muitos francófonos; outros ainda insistem em dizer que o *chiac* é o resultado da situação de bilinguismo que prevalece no Novo Brunswick e que isso tem certas vantagens, como o fato de que as crianças brincam com os dois códigos, misturam-nos, criam outras

³² N. da T.: As aspas são de minha autoria. O *joual* consiste em uma língua popular canadense, tendo como base o francês, marcada por desvios fonéticos e lexicais e por anglicismos.

palavras, etc. Em suma, *Elogio do chiac* suscitou o primeiro debate sobre o chiac e deu vida a tal variante em plena praça pública, nomeando-a e, ao mesmo tempo, conferindo-lhe uma existência, um *status* privilegiado. Desde então, não mais se deixou de falar a respeito do chiac.

Acádia Acádia?!?, documentário ou filme-testemunho, conta as lutas dos estudantes para obter serviços em francês na prefeitura de Moncton, em 1968³³. O filme mostra o distanciamento econômico e cultural que separa os francófonos e os anglófonos do Novo Brunswick, assim como as dificuldades dos acadianos em fazer valer seus direitos linguísticos e em falar francês nos locais públicos. Mostra, sobretudo, em imagens reais, os estudantes sendo insultados pelo prefeito unilíngue inglês de então, Leonard Jones, que recusa deixá-los falar em francês na prefeitura de Moncton. Enfim, *Acádia Acádia?!?* refere-se à situação do francês na Acádia do Novo Brunswick e revela-se um instrumento de conscientização para o público acadiano, habituado a reivindicar seus direitos de modo bem mais moderado. Dois editoriais do *L'Évangéline* (10 e 13 jan. 1972) serão consagrados ao filme, ambos favoráveis às ações dos estudantes. Essa linha editorial está de acordo com nossas observações precedentes acerca dos textos do início dos anos 1960, nas quais afirmamos que a situação da língua havia se tornado uma preocupação importante. O filme representa a oportunidade de reivindicar, alto e forte, serviços bilíngues na prefeitura, recursos necessários à obtenção desses serviços, justos direitos para os acadianos, etc. O filme não tocou tanto na qualidade da língua, mas repercutiu nas representações, o que contribuiu para suscitar um novo discurso, rompendo com o discurso tradicional que pregava a boa aliança para a obtenção de direitos legítimos.

Em 1971, estreia igualmente *La Sagouine*, peça que será um enorme sucesso no Canadá e na França. Antonine Maillet põe em cena uma idosa de origem modesta que ganha a vida como faxineira e reflete sobre o mundo a sua volta, exprimindo-se em um francês próprio. No prefácio da peça, Maillet

³³ Os eventos relativos ao filme datam de 1968; o documentário estreou em 1971.

convida-nos a entrar no universo de uma mulher que fala na língua popular de sua região:

Eu a entrego assim como ela é, sem retocar suas rugas, sua pele rachada ou sua língua. **Ela não fala nem joul, nem chiac, nem francês internacional. Ela fala a língua popular de seus pais que vieram direto do século XVI.** Ela não sabe, a Sagouine, que ela é, em si mesma, um glossário, uma raça, um reverso de medalha (Maillet, 1971: 9).

Na Acádia, a peça obtém sucesso junto a todas as camadas da sociedade, mesmo junto a indivíduos que não tinham o mínimo hábito de frequentar eventos culturais; os espectadores acadianos reconheceram-se particularmente em razão dos arcaísmos que ornaram o texto. Para dar vida à língua acadiana, Antonine Maillet utiliza as mesmas estratégias de legitimação que Pascal Poirier privilegiava no fim do século XIX, insistindo na filiação do francês acadiano à mãe-pátria.

No editorial não-assinado de 24 ago. 1971, dedicado a *La Sagouine*, está escrito:

Os esnobes também irão queixar-se do **falar arcaico** da Sagouine, ou seja, do falar atribuído à heroína ao longo de todo o livro. Acreditamos, ao contrário, que essa é uma das características atraentes da obra. **De forma alguma devemos recomendar a manutenção desse antigo falar** nosso, embora não devamos envergonhar-nos dele. Devemos aproximar-nos do **francês universal**, como todos os franceses do mundo. Mas um fato persiste: é o de que as camadas populares acadianas conservaram, em razão de condições históricas e demográficas, **o antigo falar do século XVII** que seus ancestrais trouxeram de Poitou. **Esse falar arcaico não é um dialeto nem uma língua bastarda, mas a língua que se falava na corte de Henrique IV.** E se devemos lutar contra os **anglicismos, do gênero “chiac”**, se devemos nos aproximar do francês universal, **não temos de nos envergonhar da língua antiga de nossos ancestrais, considerada o mais belo falar da França de então**, e da qual infelizmente muitos vocábulos ricos e expressivos já desapareceram, no francês moderno, sem serem substituídos. “Cobir”, “faire zire”³⁴ etc. são antigas expressões francesas que não mais têm equivalentes, hoje.

³⁴ N. da T.: Aspas acrescentadas na tradução.

Segundo o editorial, o falar arcaico é aceitável se ele se constitui na matéria-prima de um texto literário, mas os autores emitem reservas quanto ao seu uso cotidiano. Reconhece a legitimidade do falar antigo do século XVII empregado pelos ancestrais, tentando eliminar os estigmas a ele associados – “não devíamos nos envergonhar dele” –, mas não recomenda seu uso. Na realidade, o que se extrai da passagem transcrita é o fato de que a rejeição total dos anglicismos *gênero chiac* permite a tolerância dos arcaísmos, um mal menor. Cede-se ao aparecimento destes, justificados pela história, mas rejeitam-se os primeiros, de uso recente e resultado das desventuras da urbanização, mesmo se se permanece consciente de que a mescla de línguas existe desde o século XVIII, considerando-se as relações que os acadianos mantiveram com os anglófonos do Canadá e da Nova Inglaterra (Boudreau, 2008 [no prelo]; Daigle, 1993).

Após esse editorial, outros textos foram publicados colocando em evidência a língua regional, dentre eles as crônicas intituladas “Le coin à Piquine” (de 15 fev. 1972 a 3 ago. 1972), os quais utilizam abundantemente expressões arcaicas marcadas pelos traços fonéticos e morfossintáticos mais correntemente em uso atualmente, como a palatização (*tchelle* bouffée de fraîcheur, *tcheques-uns*)³⁵, o ouismo (*chouse*), o passado simples conjugado no segundo grupo (le coup de pied qui les *réveillit*, les *forcit*)³⁶, o *eu* coletivo (*j’voulons*, *j’pouvons-t-i*)³⁷ etc. Às crônicas se sucederam diversas colunas do leitor, algumas mostrando-se tolerantes para com os arcaísmos, referindo-se constantemente à filiação francesa da língua, outras indignando-se com “as expressões chocantes e humilhantes que nos rebaixam” (“La sagouine” e “La piquine”, 14 fev. 1972).

Os três eventos representam um divisor de águas na história moderna da língua acadiana, pois inscreveram sobre papel e filme vozes discordantes no que tange ao uso da língua

³⁵ N. da T.: “Tchelle”, em lugar de “quelle bouffée de fraîcheur” (Que baforada de ar fresco!); “tcheques-uns” em vez de “quelques-uns” (alguns).

³⁶ N. da T.: “O pontapé que os despertou/ os acordou”.

³⁷ N. da T.: “Eu queremos, eu podemos”.

na Acádia. Iniciou-se então uma fase de mudanças, o que permitiu admitir a existência de variantes do francês; e foi no sudeste do Novo Brunswick que o movimento mais se fez sentir, trazendo com ele um outro modo de ver o francês e a autorização para executá-lo livremente, reapropriar-se dele, fazê-lo seu, desligar-se *da* língua para melhor subvertê-la.

4 – Período contemporâneo

Desde os anos 1970 e após o debate linguístico suscitado pelos três eventos mencionados, os artistas (escritores e músicos), munidos de uma nova legitimidade e alimentados com esses mesmos discursos, puseram-se a transgredir as normas do francês de referência e a permear seus textos de particularidades acadianas, neles acrescentando arcaísmos e o *chiac*. Em 1973, Guy Arsenault publica *Acádia Rock*, uma coletânea de poemas, caracterizada pelo recurso a um *chiac* pouco anglicizado; nos anos 70, 80 e 90, Gérald Leblanc publica uma série de poemas e escreve canções³⁸ permeadas de palavras inglesas características do *chiac*. Jean Babineau publica *Bloupe* em 1994, em que se vê uma mescla de códigos, de línguas e arcaísmos. France Daigle publica, nos anos 90, três romances com diálogos escritos em *chiac*.

No plano musical, constata-se o mesmo fenômeno nos textos dos cantores oriundos do sudeste do Novo Brunswick e da Nova Escócia, duas regiões onde o francês foi por muito tempo estigmatizado (Boudreau e Dubois, 2001, 2004, 2007). Poderiam ser citadas, como exemplo, as canções de Fayou, de Matthieu D’Astous, de Ginette e de Mari-Jo Thério, do Novo Brunswick, em cujo trabalho o *chiac* e o acadiano ocupam um lugar especial. Os músicos do grupo Grand Dérangement, do sudoeste da Nova Escócia, escrevem todas as suas letras em *acadjonne*³⁹ e colocam em cena os traços mais marcantes de sua língua, como na canção “L’homme à point d’accent” (O homem

³⁸ Gérald Leblanc foi letrista do grupo musical 1755, que conheceu grande sucesso popular na Acádia, no fim dos anos 1970, sucesso que persiste até os dias de hoje.

³⁹ Nome dado à variante do francês falada no sudoeste da Nova Escócia.

sem nenhum sotaque), verdadeiro manifesto em defesa do sotaque da Baía de Santa Maria que traduz uma vontade de reverter o paradigma da dominação; o grupo de *rappers* Jacobus e Maléco, oriundo da mesma região, também canta em *acadjonne*, e em suas letras pululam comentários a respeito da língua. Esse metadiscorso revela a tomada de consciência das relações de poder ligadas às práticas linguísticas, o desejo de participar de uma redefinição das relações entre locutores das línguas dominantes (as línguas legítimas) e das outras (vernaculares, variantes estigmatizadas) e a vontade de se liberar do discurso normativo, aquele que prega ser admitida somente a língua de referência.

Por outro lado, a grande circulação das diferentes variantes em praça pública deu lugar, desde 2005, a uma série de animação produzida no Novo Brunswick, intitulada *Acadieman, le first super-héros acadien* (O homem da Acádia, o primeiro super-herói acadiano). A série é apresentada em chiac, nas redes francesa e inglesa da rede de televisão Rogers, no Novo Brunswick, cinco vezes por semana, assim como na rede francesa da mesma cadeia televisiva, em Ottawa. Crescendo rapidamente em popularidade, ganhou, em maio de 2006, o Prêmio do Júri de Melhor Animação no Festival Yorkton de Curta Metragem e Vídeo, em Saskatchewan. No seu *website*, (www.acadieman.com), *Acadieman* é assim apresentado por seu autor, Daniel Leblanc:

Venham ver o Acadieman! Ele fala chiac e “mora” nos cafés. Acompanhem as animadas aventuras do “first” super-herói acadiano. Y fait beau dans la cabane!

O First Super-Herói acadiano (ou um tipo de...). O café é para o Acadieman o que o espinafre representa para o Popeye. Amante dos grandes espaços públicos fechados, ele não gosta de grandes caminhadas e também não gosta de esqui. Ele adora viver nos cafés e gozar das pessoas e fazer-se agradar. O Acadieman é o Pirata oficial da língua francesa. Seu programa favorito na TV é “Paixões”, e ele escuta qualquer música que tenha colheres na letra. Sua comida preferida são as *tétines de*

*souris*⁴⁰, *posse-pierre*, *pêtes de soeur*⁴¹, *poutines à trou*⁴², *poutines acadianas*, *fried piss-clams*, lagosta e *chiar*.

O autor pratica uma forma de auto-ironia caricaturando o personagem, um tipo de anti-herói acadiano; ao estereótipo ele acrescenta o *chiar*, para que ele se afirme, de certa maneira. Aliás, o autor escreveu na revista *Éloizes*, num texto publicado em 2002, que “sua língua materna tinha-se tornado estranha”, definindo-a como “uma travessia de fronteiras ou uma co-presença de dois discursos de multiplicidade interior”; “Anyway”, continua ele, “a Acádia é uma noção plural e às vezes eu me vejo à frente do caixa automático, teclando a opção Inglês” (Leblanc, 2002: 34). O *Acadieman* oferece um espaço próprio para o *chiar*. Cada episódio⁴³ apresenta um segmento intitulado “Chiar, palavra do dia”, em que já figuraram: “*ayoye*, *véra* (vereux), *effoier*, *minater*, *pet de soeur*, *blette*, *issabe*, *bailler*, *zire*”. Para cada um desses termos, Leblanc dá uma definição em francês e em inglês, por exemplo: “*zire*: gross out, nojento, nauseating, filthy, impuro, ou ainda vera (bichado): que não é saudável, *snoreau*, *louche*, suspeito, duvidoso, *shady*, *dúbio*, *shifty*, *worm-eater*, *maggoty*”, o que é em seguida contextualizado, para ilustrar: “Guarda eles, o pequeno vera comeu todos os doces sem dar aos outros, depois sua mãe disse a ele pra repartir”. Os comentários metalinguísticos repetidos em todos os episódios ilustram a consciência associada às escolhas linguísticas de Leblanc; assiste-se aqui a uma virada voluntária no que diz respeito aos valores, conforme a teoria de Bourdieu, em que “o estigma produz a revolta contra o estigma, o que começa pela reivindicação pública do estigma” (Bourdieu, 1983: 69).

⁴⁰ N. da T.: Nome científico *Cakile maritima*. Planta herbácea anual da família das Brassicaceae, de folhas suculentas e com lóbulos irregulares, com flores lilás, rosa ou brancas, com quatro pétalas. Planta facilmente reconhecível pelos frutos.

⁴¹ N. da T.: Sobremesa acadiana, com canela. Pode assemelhar-se ao “sonho”, tipo de bolinho frito com açúcar e canela.

⁴² N. da T.: Vários pratos gastronômicos na Acádia são chamados de “poutines”. Pode ser um tipo de pão de batata. Nesse caso, trata-se de tortas de maçã feitas na região acadiana (Sudeste do Novo Brunswick).

⁴³ Ele utiliza a pronúncia tradicional acadiana para numerar os episódios: episódio *y'* *une*, *deusse*, *troisse* (itálico acrescentado pela tradutora).

Por outro lado, é interessante observar que o autor diz apresentar expressões em chiac na parte de sua crônica “Chiac, palavra do dia”, as quais seriam classificadas como termos acadianos pelos linguistas, o que bem ilustra a dificuldade de estabelecer fronteiras nítidas entre as variantes (Canut, 2000; Carvet, 1999, 2004). Em seu último livro, *Essais de linguistique*, Calvet explica que o linguista é “sempre confrontado a práticas heterogêneas, enquanto a linguística tende mais para a homogeneização, preferindo reduzir a desordem generalizada a modelos ordenados e ordenantes” (Calvet, 2004: 13). Essas construções do chiac constituem, igualmente, um belo exemplo do “caos das práticas da língua”, para utilizar uma expressão de De Robillard (1999), o que torna difícil a análise de tais práticas, que só pode ser realizada se forem levados em conta todos os elementos sociais que delas participam.

Conforme os exemplos extraídos dessas recentes produções culturais, poderíamos acreditar em uma forte tendência à vernaculização, mas a situação revela-se mais complexa. Na verdade, vemos em diversos artistas a reivindicação pública de suas particularidades linguísticas, numa tentativa de se construir legitimidade como francófonos marcados pela diversidade linguística. Gabriel Manessy afirma que

[...] as condições da vernaculização são satisfeitas a partir do momento em que essas pessoas tomam consciência daquilo que as une e do papel efetivo que assumem no jogo social. Seu modo de falar, pelos próprios traços que o opõem ao modelo-padrão, torna-se uma das expressões de sua especificidade, sendo esses traços mantidos como testemunhos da autenticidade sociocultural (Manessy, 1993: 414).

A citação aplica-se muito bem ao contexto acadiano, com nova distribuição de forças ligada à globalização das relações. Se tomarmos como exemplo o caso dos artistas, eles viajam cada vez mais, apresentando-se em diferentes palcos da francofonia internacional. Conforme constatado em uma série de entrevistas realizadas no âmbito do projeto envolvendo a construção identitária, abordado no início deste texto, eles estão muito conscientes da necessidade de falar um francês compreendido no

mundo todo. Eles oscilam constantemente entre dois polos: a *assimilação* ou vontade de permanecer de acordo com o que é chamado de francês internacional ou de referência, ou a *diferenciação* ou vontade de afirmar sua(s) diferença(s), paradigma que tem se tornado cada vez mais importante nos dias de hoje, o que pode ser observado nas práticas da língua e nas representações. Com a globalização, que supõe a multiplicação dos contatos com o exterior, os francófonos acadianos tendem a ampliar seu repertório, permitindo assim maior intercompreensão com os demais francófonos sem, para tanto, abandonar as particularidades linguísticas que dão origem a sua especificidade e que os caracterizam.

As diferentes produções culturais da Acádia contemporânea estão, desse modo, diversificando os discursos sobre a língua; de hoje em diante, o discurso monolítico baseado num modelo linguístico único está em contato com outros discursos, resultado dessas novas práticas.

Conclusão

Parece-me importante lembrar que a construção das representações linguísticas está intimamente ligada às condições sociais e políticas das situações nas quais elas emergem. A dimensão histórica destas últimas parece-me tanto mais significativa na medida em que ela permite compreender as práticas linguísticas contemporâneas.

O objetivo do presente texto era mostrar como as diferentes ideologias linguísticas repertoriadas em dois jornais acadianos, e mais precisamente no *L'Évangéline*, puderam exercer um impacto sobre a construção das representações linguísticas e, conseqüentemente, sobre as práticas da língua dos acadianos e acadianas. Os artigos selecionados do primeiro período (1880 a 1910) evidenciaram a emergência de um discurso que visava a reabilitar o francês acadiano, conferindo-lhe legitimidade enquanto variante distinta daquela do francês quebequense; procura-se, paralelamente, construir uma concepção homogênea do francês – a ideia de um francês puro

no qual os arcaísmos ocupam um lugar privilegiado – mas a visão unitária da língua choca-se com a realidade das práticas em meio bilíngue, mais diversificadas e misturadas do que as imaginadas nos discursos, o que explica a abundância de editoriais contra a mescla de línguas. A segunda parte (1950-1967) trata mais das questões da situação da língua. Os autores de editorial incitam os francófonos a reivindicar serviços em francês e assiste-se à emergência de um discurso sobre a padronização do francês, que acompanha a consolidação dos organismos francófonos; toma-se consciência de que o acesso aos recursos simbólicos e materiais é arranjado através da língua e assiste-se ao começo das interrogações acerca das práticas reais dos acadianos e acadianas, cujo francês é visto como “arcaico”. A mistura de línguas é particularmente criticada. O terceiro período (1970-1973) marca a ascensão da Acádia à modernidade, tanto no plano político e social quanto no econômico. No plano linguístico, os discursos se diversificam, testemunhando a complexidade da situação, que deve sempre ser estudada levando-se em conta a diversidade das práticas linguísticas, discursos que reconhecem a pluralidade das situações linguísticas e que não mais podem ser analisados sem levar em consideração os diferentes parâmetros que os fundam. A partir dos anos 1970, os artistas jogam com tal diversidade, buscando inspiração nas mesmas particularidades linguísticas que os distinguem para agir sobre as ideologias encontradas na base das representações coletivas dos grupos a que pertencem. Os artistas mencionados participam, voluntária ou involuntariamente, da construção de novas maneiras de apreender as práticas linguísticas que consideram plurais e polivalentes; eles contribuem para livrar a língua dos estigmas que, por muito tempo, aprisionaram-na no espalho da uniformidade.

Referências

ANDERSON, Benedict. *L'imaginaire national. Réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Traduzido do inglês por P.E.

- Dauzat [primeira publicação em inglês em 1983]. Paris: La Découverte, 2002.
- ARSENAULT, Guy. *Acadie Rock*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1973.
- AUROUX, Sylvain. *Histoire des idées linguistiques*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1992, 2000. t. 2-3.
- BABINEAU, Jean. *Bloupe*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1994.
- BLANCHET, Philippe. *La linguistique de terrain*. Méthode et théorie. Une approche ethno-sociolinguistique. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2000.
- BEAULIEU, Gérard. Les médias en Acadie. In: DAIGLE, Jean (Dir.). *L'Acadie des Maritimes: études thématiques des débuts à nos jours*. Université de Moncton, Chaire d'études acadiennes, 1993. p. 505-542.
- _____. *L'Évangéline. 1887-1982: entre l'élite et le peuple*. Moncton: Éditions d'Acadie et Chaire d'études acadiennes, 1997.
- BLOMMAERT, Jan. *Language Ideological Debates*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- BLOMMAERT, Jan; VERSHUEREN, Jeff. *Debating diversity*. London: Routledge, 1998.
- BOUCHARD, Chantal. *La langue et le nombril: histoire d'une obsession québécoise*. Montréal: Fides, 1998.
- BOUDREAU, Annette. La nomination de la langue acadienne; parcours et enjeux. In: MORENCY, J. de Finney; DESTREMPES, H. (Dir.). *L'Acadie des origines: mythes et figurations d'un parcours littéraire et historique*. Moncton: Université de Moncton, 2008. Coll. *Une autre Amérique*.
- _____. Le français en Acadie: maintien et revitalisation du français dans les provinces maritimes. In: VALDMAN, A.; AUGER, J.; PISTON-HATLEN, D. (Dir.). *Le français en Amérique du Nord: état présent*. Ste-Foy: Presses de l'Université Laval, 2005. p. 439-454.
- _____. Le français de référence entre le même et l'autre: l'exemple des petites communautés. In: FRANCARD, M. (Dir.). *Cahiers de l'Institut de linguistique de Louvain, Le français de référence*. Constructions et appropriations d'un concept. Louvain-La Neuve, 2001. p. 111-122.
- _____. *Représentations et attitudes linguistiques des jeunes de l'Acadie du Nouveau-Brunswick*. Thèse de doctorat, Paris-X, Nanterre, 1998.
- BOUDREAU, Annette; DUBOIS, Lise. Français, acadien, acadjonne:

competing discourses on language preservation along the shores of the Baie Sainte-Marie. In: DUCHÈNE, A.; HELLER, M. (Dir.). *Discourses of endangerment: interest and ideology in the defense of languages*. London; New York: Continuum International Publishing Group, 2007. p. 99-121.

_____. Représentations et pratiques linguistiques en Acadie des Maritimes. *Neue Romania*, Berlin: Institut de la Freie Universität, n. 29, p. 165-182, 2004.

_____. Langues minoritaires et espaces publics: le cas de l'Acadie. *Estudios de sociolingüística*, v. 2, n. 1, p. 37-60, 2001.

_____. J' parle pas comme les Français de France, ben c'est du français pareil; j'ai ma *own* p'tite langue. In: FRANCARD, M. (Dir.). *L'insécurité linguistique dans les communautés francophones périphériques*. Actes du colloque de Louvain-la-Neuve, *Cahiers de l'Institut de linguistique de Louvain*, n. 2, p. 147-168, 1993.

_____. Insécurité linguistique et diglossie: étude comparative de deux régions de l'Acadie du Nouveau-Brunswick. *La Revue de l'Université de Moncton*, v. 25, n. 1-2, p. 3-22, 1992.

BOUDREAU, Annette; LEBLANC, Matthieu. Le français standard et la langue populaire: comparaison du débat et des enjeux au Québec et en Acadie depuis 1960. In: HARVEY, F.; BEAULIEU, G. (Dir.). *Les relations Québec-Acadie: de la tradition à la modernité*. Éditions de l'IQRC/Éditions d'Acadie, 2000. p. 211-235.

BOUDREAU, Annette; PERROT, Marie-Ève. Productions discursives d'un groupe d'adolescents acadiens du sud-est du Nouveau-Brunswick; là je me surveille, là j'me wache pas. In: PHILIPPONNEAU, C. (Dir.). *Sociolinguistique et aménagement des langues*. Moncton: Université de Moncton, Centre de recherche en linguistique appliquée, 1994. p. 271-285.

BOUDREAU Annette; WHITE, Chantal. The turning of the tides in Acadian Nova Scotia: an example of how heritage tourism is changing language practices and representations of language. *Canadian Journal of Linguistics/Revue canadienne de linguistique*, n. 49 ³/₄, p. 1001-1025, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

_____. Vous avez dit populaire? *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 46, p. 98-105, 1983.

BOYER, Henri. *Langues en conflit: études sociolinguistiques*. Paris:

L'Harmattan, 1991.

BOYER, Henri; DE PIETRO, Jean-François. De contacts en contacts: représentations, usages et dynamiques sociolinguistiques. In: BOUDREAU, A. et al. (Dir.). *L'écologie des langues/Ecology of Languages*. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 103-123.

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

_____. *Essais de linguistique*. Paris: Plon, 2004.

CAMERON, Deborah. *Verbal Hygiene*. London; New York: Routledge, 1995.

CRÉPON, Marc. *Les géographies de l'esprit*. Paris: Payot, 1996.

CULIOLI, Antoine. Peut-on théoriser la notion de « qualité de la langue »? In: ÉLOY, J. M. (Dir.). *La qualité de la langue? Le cas du français*. Paris: Champion, 1995. p. 51-71.

DAIGLE, France. *Pas pire*. Moncton: Éditions d'Acadie; Montréal: Boréal, 1998.

_____. *Un fin passage*. Montréal: Boréal, 2001.

_____. *Petites difficultés d'existence*. Montréal: Boréal, 2002.

_____. L'Acadie de 1604 à 1763, synthèse historique. In: DAIGLE, J. (Dir.). *L'Acadie des Maritimes: études thématiques des débuts à nos jours*. Université de Moncton, Chaire d'études acadiennes, 1993. p. 1-43.

DE ROBILLARD, Didier. F comme la guerre des francophones n'aura pas lieu. In: CERQUIGLINI, B. Et al. (Dir.). *Tu parles!/? Le français dans tous ses états*. Paris: Flammarion, 2000. p. 75-92.

_____. Peut-on construire des «faits linguistiques» comme cahotiques? Quelques réflexions pour amorcer le débat. *Marges Linguistiques*, n. 1, p. 163-204, 2001. www.marges-linguistiques.com

FERRON, Jacques. *Le contentieux de l'Acadie*. [Édition préparée par Pierre Cantin, Marie Ferron et Paul Lewis avec la collaboration de Pierre L'Hérault]. Trois-Rivières: VLB Éditeur, 1991.

FRANCARD, Michel. L'insécurité linguistique dans les communautés francophones périphériques. Actes du colloque de Louvain-La-Neuve. *Cahiers de l'Institut de linguistique de Louvain*, Louvain-La-Neuve, 1993-1994. 2 v.

_____. Les jeunes francophones et leur langues: de l'Acadie du Nouveau-Brunswick à la Wallonie. *Revue de l'Université de Moncton*, v. 17, n. 1, p. 147-160, 1994.

- GÉRIN, Pierre M. *Pascal Poirier, causerie memramcookiennne*. Édition critique par Pierre M. Gérin, Chair d'Études Acadiennes. Moncton: N.B., 1990.
- GUEUNIER, Nicole; GENOUVRIER, Émile; KHOMSI, Abdelhamid. Les français devant la norme. In: BÉDARD, É.; MAURIS, J. (Dir.). *La norme linguistique*. Conseil de la langue française, Québec et Coll. L'Ordre des mots, Le Robert, 1983. p. 763-787.
- GUEUNIER, Nicole. Représentations linguistiques. *Sociolinguistique*. In: MOREAU, M. L. (Dir.) *Concepts de base*. Hayen: Mardaga, 1997. p. 246-252.
- HELLER, M. *Éléments d'une sociolinguistique critique*. Paris: Didier, 2002.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terrence. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- JAFFE, A. *Ideologies in Action: language politics on Corsica*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- JOSEPH, John Earl. *Eloquence and Power: the Rise of Language Standards and Standard Languages*. New York: Blackwell, 1987.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. *La langue et le citoyen*. Paris: PUF, 2001.
- KROSKRITY, Paul V. *Regimes of Language*. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1999.
- LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.
- LAFONT, Robert. *Quarante ans de sociolinguistique à la périphérie*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- LEBLANC, Daniel Omer. I seem to be a frog. *Les langues déliées. L'écrivain acadien et la langue*. Moncton, Éloizes, La revue acadienne de création, p. 33-34, 2002.
- LEPICK, Dominique; BOURHIS, Richard Y. Attitudes et comportements linguistiques dans les zones bilingues du Canada. In: ERFURT, J. (Dir.). *De la polyphonie à la symphonie: méthodes, théories et faits de recherche pluridisciplinaire sur le français au Canada*. Leipziger Universitätsverlag, 1996. p. 89-117.
- LODGE, Anthony. *Le français. Histoire d'un dialecte devenu langue*. Paris: Fayard, 1997.
- MANESSY, Gabriel. Vernacularité, vernacularisation. In: DEROBILLARD; BENIAMINO, M. (Dir.). *Le français dans l'espace*

francophone. Paris, Champion, 1993. p. 407-417.

MATTHEY, Marinette. *Les langues et leurs images*. Neuchâtel, Suisse: IRDP (Institut Romand de Recherches et de Documentation Pédagogiques), 1997.

MILROY, Leslie; MILROY, James. *Authority in Language*. London: Routledge, 1987.

PÉRONNET, Louise. Le Parler acadien. *Mémoires de la Société royale du Canada*, 4^e série, t. XV, p. 215-228, 1977.

PERROT, Marie.-Ève. *Aspects fondamentaux du métissage français / anglais dans le chiac de Moncton (Nouveau-Brunswick, Canada)*. Thèse de Doctorat, Paris, Université de la Sorbonne Nouvelle, 1995.

POIRIER, Claude. Pourquoi parle-t-on comme on parle? Actes des Journées de réflexion sur l'aménagement du français au Nouveau-Brunswick. *Égalité*, Revue acadienne d'analyse politique, n. 49, p. 113-130, 2003.

_____. La langue parlée en Nouvelle-France: vers une convergence des explications. In: MOUGEON, R.; BENIAK, É. (Dir.). *Les origines du français québécois*. Québec: Presse de l'Université Laval, 1994. p. 237-273.

SINGY, Pascal. *L'image du français en Suisse Romande. Une enquête sociolinguistique en Pays de Vaud*. Paris: L'Harmattan, 1996.

WALTER, Henriette. *Le français dans tous les sens*. Paris: Laffont, 1988.

WATTS, Richard. The Ideology of Dialect in Switzerland. In: BLOMMAERT, J. (Dir.). *Language Ideological Debates*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 67-103.

